

Dívida sobe, mas cai parcela atrelada ao câmbio

Valor total chega a R\$ 761,6 bi: participação de papéis cambiais é a menor desde 1999

ADRIANA FERNANDES
e RENATO ANDRADE

BRASÍLIA – Depois de uma piora em julho, o perfil da dívida interna em títulos do governo federal voltou a melhorar em agosto. Apesar de o estoque ter subido no mês R\$ 2,57 bilhões, passando de R\$ 759,20 bilhões para R\$ 761,77 bilhões, o Tesouro Nacional conseguiu reduzir ainda mais a dívida atrelada ao dólar e aumentar a participação de títulos prefixados, papéis que trazem menor risco de financiamento para o governo porque a sua rentabilidade é definida no leilão de venda.

Dados divulgados ontem pelo Ministério da Fazenda mostram que a parcela de títulos prefixados subiu de 15,13% para 16,66% do total da dívida. Em julho, o volume desses papéis havia

caído pela primeira vez no ano, refletindo uma concentração elevada de vencimentos e o cenário de maior incerteza vivido pelo mercado financeiro naquele mês – o que reduziu o apetite dos investidores por títulos prefixados e aumentou a compra de papéis pós-fixados (corrigidos pela taxa Selic).

Mantendo a trajetória dos últimos meses, a dívida cambial (títulos e contratos atrelados à taxa de câmbio) fechou o mês em 13,15% do total da dívida pública. Foi a menor correlação registrada desde 1999, quando começou a série histórica sobre os dados da dívida pública. A dívida cambial em

agosto somava R\$ 100,18 bilhões, ante R\$ 107,15 bilhões em julho. O Ministério da Fazenda atribuiu a queda de R\$ 7 bilhões de um mês para o outro ao resgate de R\$ 4,2 bilhões em títulos e contratos cambiais e ao efeito positivo da valorização do real verificada no mês (3,07%) sobre o estoque.

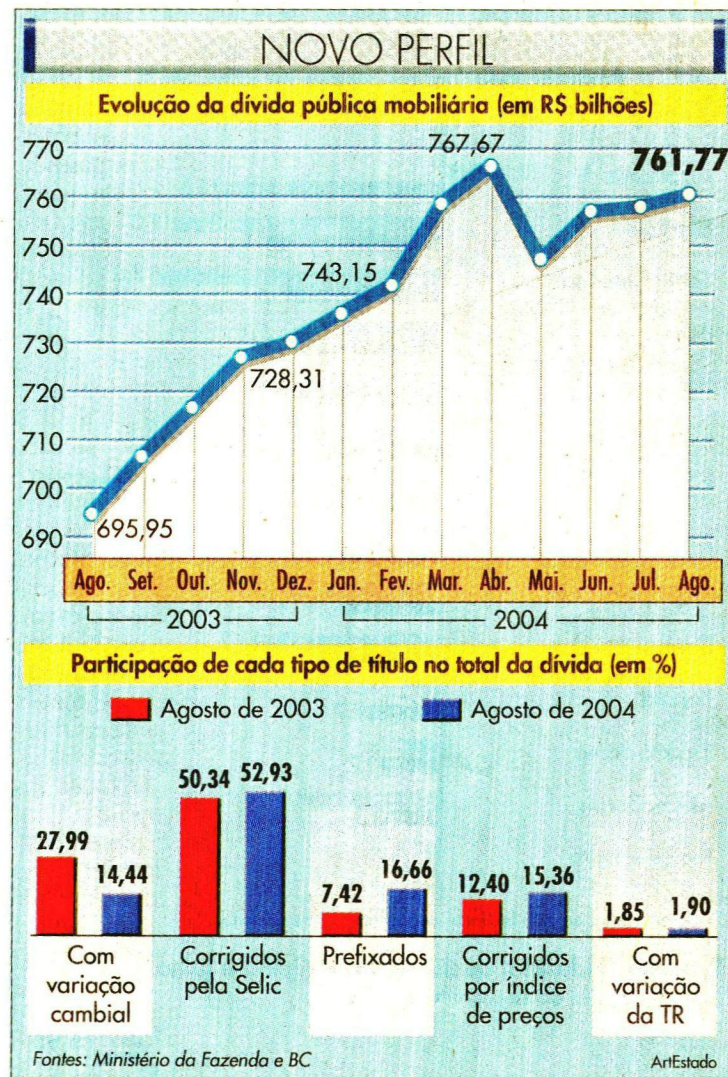
Com a melhora do cenário econômico em agosto, o Tesouro vendeu no mês R\$ 10,3 bilhões de títulos prefixados. Em contrapartida, houve um resgate de R\$ 12,5 bilhões desses papéis. De julho para agosto, o estoque de títulos prefixados aumentou de R\$ 114,90 bilhões em julho para R\$ 126,87 bilhões. Já a parcela de títulos atrelados à variação da Selic caiu de 53,77% para 52,93%. Outro dado positivo foi o aumento de títulos corrigidos por índices de preços, cuja participação subiu de 15,12% para 15,36%.

**TÍTULOS
PREFIXADOS
SÃO 16,66%
DO TOTAL**

A principal estratégia do governo para melhorar o perfil da dívida é justamente o aumento da participação desses papéis prefixados e dos atrelados a índices de preços, combinado com a redução dos pós-fixados.

Segundo o coordenador da Dívida Pública do Tesouro Nacional, Paulo Valle, o Tesouro vai continuar ofertando títulos prefixados mesmo com o aumento dos juros. “Independentemente de um aumento da taxa Selic, a decisão é de continuar buscando uma elevação da participação de prefixados na dívida”, disse.

Esse tipo de papel melhora o perfil da dívida porque aumenta a previsibilidade e reduz o risco de financiamento. Valle disse não acreditar numa redução da demanda por



prefixados, depois de um aumento de juros. “O problema para a venda de prefixados é a incerteza”, afirmou.

Pode afetar – O chefe do Departamento de Operações de Mercado Aberto (Demab), Sérgio Goldstein, comentou que o Tesouro vem mantendo seus leilões de venda de prefixados, mas reconheceu que a decisão do Copom pode afetar a demanda por prefixados. “É claro que alguma incerteza com a decisão do Copom pode afetar a demanda. É natural”, afirmou. Segundo Goldstein, o Tesouro não vem tendo dificulda-

de de colocar prefixados de prazos mais curtos.

Para Goldstein, a melhora do perfil da dívida contribuiu para elevação recente do rating do Brasil pela agência de classificação de riscos Moody's. “Temos outro perfil da dívida. É natural que aconteça o upgrade”, afirmou. Ele destacou, principalmente, a redução da exposição cambial da dívida. O Banco Central já resgatou de janeiro a setembro US\$ 24,6 bilhões de dívida atrelada ao câmbio. Esse volume já é maior do que todo o resgate feito no ano passado, de US\$ 19,1 bilhões.